

Só eu te amei¹

por HANNA ESPERANÇA

1 Este texto faz parte do trabalho submetido aos anais da *3ª Jornada de Cinema e Ficção Audiovisual – GT Cinema e Audiovisualidades* promovido pela Universidade Tuiuti do Paraná e pela Universidade Estadual do Paraná, sob título “A Década Perdida – Um (Re)descobrimento das diretoras brasileiras dos anos 80”. Essa versão contém modificações e acrescentamentos.

É a segunda vez que escrevo sobre *Amor Maldito* (1984), de **Adélia Sampaio**, e com ele, encerro meu próprio ciclo. Hesitei em escolher esse filme com medo de soar repetitiva. Mas como pode haver repetição se *Amor Maldito* não consta em praticamente lugar nenhum? Se até alguns anos atrás nem ao menos sabíamos da existência de Adélia, a primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem no Brasil? Eu poderia escrever mais dez vezes sobre *Amor Maldito* e não seria o suficiente para reparar quase trinta anos de apagamento da historiografia do cinema. Apagamento porque ninguém realmente se esquece, como num ato despropositado de lapso de memória. Historiografia porque da história dificilmente se apaga. Adélia é a prova viva de que se o racismo e o machismo apagam, a gente reescreve¹. Nós fazemos ciclos como o desta revista, nós nos infiltramos em um lugar que é hostil e resistimos, sobrevivemos, nós encaramos até que estejam desconfortáveis o suficiente para sair ou mudar. Nós não vamos mais aceitar que sejamos apagadas, inferiorizadas, caladas.

Nada melhor do que *Amor Maldito* para ilustrar, da sua pré-produção até a exibição, o que é ser mulher e resistir dentro do cinema e através dele. Quando Adélia Sampaio, uma mulher negra, vai até a Embrafilme com um projeto de longa-metragem

1 Título de entrevista com Adélia Sampaio. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2016/03/09/o-racismo-apaga-a-gente-reescreve-conheca-a-cineasta-negra-que-fez-historia-no-cinema-nacional/>. Acesso em: 05/12/2017.

que conta a história de amor entre duas mulheres, ela não consegue financiamento. Quando Adélia Sampaio consegue produzir o filme com os próprios meios, nenhum cinema aceita exibir a não ser que ele seja vendido como pornografia. Quando eu, uma mulher branca, abro livros sobre o cinema brasileiro e não encontro o nome de Adélia, não fico surpresa. É tão esperado que se torna quase um clichê absolutamente tedioso e desagradável que não cansam de reproduzir. E mesmo assim, contra tudo e contra todos, *Amor Maldito* existe, e existe tão acessível quanto em uma plataforma de *YouTube*, tão escancarado que ninguém precisa de convites para vê-lo e tão atual que é impossível ser ignorado.

Adélia Sampaio buscou a história de *Amor Maldito* no real, no fato, na matéria jornalística, o que o torna não apenas um reflexo da realidade, mas uma reprodução direta. O filme tem dois tempos: o presente que se passa em um tribunal, onde Fernanda (Monique Lafond), uma mulher abertamente lésbica, enfrenta um julgamento que irá decidir se ela é ou não responsável pela morte de sua esposa Sueli (Wilma Dias), e o passado, que são as memórias ora felizes ora dolorosas de Fernanda, dos momentos em que as duas mulheres passaram juntas desde o dia em que se conheceram até o último.

O tribunal é intenso, as personagens que ali transitam – os advogados de defesa e de acusação, a família extremamente religiosa de Sueli, as testemunhas – são tão caricatas que poderia ser

cômico se as falas contra Fernanda não fossem tão violentas. Todos parecem estar em um tipo de performance, falsos. Adélia tem ciência disso, tem ciência da hipocrisia que eles proferem, nada é gratuito. O advogado que defende Fernanda com tanta polidez e discursos inflados sobre amor, compartilha fotos de Sueli nua com o advogado de acusação. O pai, pastor, que vê o relacionamento das duas como um ato do mais alto nível de imoralidade, abusava da filha.



Um homem casado, pai de quatro filhos, que diz que nunca se envolveria com uma moça como Sueli, a deixou grávida e não assumiu. Nesses pequenos personagens, Adélia monta pouco a pouco um retrato da sociedade de seu tempo sem saber que seria um retrato ainda fiel do que vivemos.

Não só isso, mas *Amor Maldito* vem em forma de crítica, de denúncia. Não é apenas um retrato, um compilado de ficcionalizações do real. É uma cutucada explícita, sem pudor. É uma mulher negra que, em um único filme, coloca como protagonistas mulheres lésbicas muito além do sexual, aponta o dedo para a religião, a família tradicional, o sistema judiciário brasileiro e a hipocrisia que vinga em nós. Adélia não perdoa ninguém. Não é à toa que *Amor Maldito* tenha sido apagado da historiografia do cinema. Não é à toa que pornochanchadas fetichizando lésbicas tenham sido mais valorizadas como valor histórico cultural do que *Amor Maldito*. Não é à toa que o filme tenha se pago com ingressos de pornografia.

Fernanda ama Sueli e se *Amor Maldito* pudesse ser tão simplificado quanto uma frase, seria essa. No final, se resume a isso, ao amor. E talvez esteja aí um dos maiores brilhantismos de Adélia. Não é através dos *flashbacks* que o amor entre Sueli e Fernanda é construído. Não é através do que vemos, deturpado pelo que testemunhas têm a dizer e é muito menos através do sexo. É através de Fernanda, das suas reações, do choro, do vômito, das mãos que seguram os joelhos e tremem que sabemos do amor. Do amor que transcende, seja como

uma maldição ou uma dádiva. Não importa. O que importa é que Fernanda ama Sueli. É ele que a mantém intacta às acusações violentas que sofre. É ele que perdura, é ele que talvez seja a maior ofensa de Adélia para espectadores já chocados, horrorizados. Uma mulher que ama outra mulher e o ato sexual não importa. Uma mulher que ama outra mulher sem ser fetiche masculino pornográfico sob pretexto de representação. Uma mulher que ama outra mulher e, no final, ainda é inocentada, sobrevive. Fernanda, no túmulo de Sueli, escreve “só eu te amei”. Só mulheres parecem amar outras mulheres. Uma ofensa, maior que as outras.



por HANNA ESPERANÇA